

Passeio Público



NÃO HÁ CIDADE, SEM ANDAR A PÉ



POR *Paula Teles*

Especialista de Mobilidade Urbana

Hoje acredito que não há cidade, sem a podermos percorrer a pé de forma agradável, segura e inclusiva. Para isso, as ruas não podem ser estradas, mas sim lugares de convivências, de encontros e afetos. Devem conter passeios, corredores verdes, mobiliário de estadia, espaços de interação e iluminação adequada. E não é possível resolver o tráfego nas cidades sem solucionar o dos peões.

No Congresso da Red Ciudades que Caminan de Palma, entre alcaides, concejales e técnicos presentes a discutir as cidades de futuro, face ao aquecimento global e à verificada desumanização, foi perceptível a forte motivação no encontro de soluções técnicas e políticas, para redesenharem as suas cidades para os peões. Tentaram, nesses dias, em rede, criar forças e sinergias para não terem medo da decisão.

JN

Coluna Semanal Jornal de Notícias

Todas as terças-feiras

“...as ruas não podem ser estradas, mas sim lugares de convivências, de encontros e afetos.”

Teremos de ter políticas disruptivas. Pensar ao contrário, implica inverter os conceitos na velocidade de Paul Virilio, que empurra o urbanista para a perceção que velocidade é poder. Pois bem, hoje, poder é a proximidade, é atingir a escala humana.

Os técnicos, como fragilidades, apontaram o processo de comunicação sobre a mudança da mobilidade, do desenho do espaço público e da falta de decisão política.

Os alcaides, por seu lado, apontaram a morosidade jurídica nos processos de planeamento, projeto e obra e, por último, e alguma falta de cultura e resistência dos cidadãos à mudança.

Mas todos concordaram que depois de redesenhadas à escala da caminhabilidade, as ruas e as praças, ganham uma utilização absoluta, começando pelo usufruto das crianças que as aproveitam para brincar sem fim.